

A FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS



LAMAS, Denise Rodrigues Moreira
OLIVEIRA, Euzélia Squizzato de – ORIENTADORA.



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Em conformidade, com dados de 2014 divulgados em 2018 do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, encontra-se, hoje, um caso de autismo a cada 110 pessoas. Algumas pesquisas indicam que o transtorno é ainda mais frequente. Assim, estima-se que o Brasil, com seus 200 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de autistas. Apesar de numerosos, os milhões de brasileiros autistas ainda sofrem para encontrar tratamento adequado.

De acordo com a Revista Autismo (2019), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) conhecido como perturbações do desenvolvimento neurológico, o nome “espectro” pelos vários graus de comprometimento, há desde pessoas com outras doenças e condições associadas (comorbidades), como: deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes com vida comum, algumas nem sabem que são autistas, pois, jamais tiveram diagnóstico.

O autismo envolve graus diferentes, de leves às mais severas, tendo como características: as dificuldades na linguagem e/ou na comunicação, na interação social, apego à rotina e repetições de palavras ou frases ouvidas na televisão ou em outros locais de seu convívio (Ecolalia) e déficit de atenção. Consequentemente, o aprendizado é mais lento, pode prejudicar o desenvolvimento e requer mais atenção, sendo necessário, que o professor regente saiba lidar com o autista em sala de aula.

Com essa percepção, surgiu a necessidade de inferir a formação do professor regente de sala numa escola da rede Municipal na cidade de Ubá/MG que atende alunos autistas. Será que sua formação está adequada para atender de forma exitosa as necessidades educativas dos alunos autistas, promovendo a inclusão? Nesse sentido, a formação do professor é basilar para que ocorra o processo de inclusão, uma boa convivência e a efetiva aprendizagem.

Tendo em vista que o professor tem uma relação direta com o aluno e pode perceber mudanças e dificuldades da criança com TEA, e ele precisa estar apto a compreender os limites do aluno autista no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo compreender se a formação do professor regente é adequada para a inclusão dos alunos autistas? A metodologia utilizada será bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, e para a coleta de dados utilizaremos uma entrevista semiestruturada com uma professora da rede de ensino Municipal de Ubá/MG, que têm em sua sala de aula alunos com TEA.

O método de pesquisa que, segundo Minayo, entende-se:

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica e elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria.(MINAYO,1993,p. 26).

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se discute sobre a inclusão, imediatamente replica-se sobre o papel do professor frente a inclusão de alunos autistas, tendo em vista que ele passa maior tempo em contato com a criança. Com as mudanças sociais que ocorrem, o professor tem que estar preparado para lidar com as responsabilidades e com as situações desafiadoras no dia a dia.

Sendo assim, na área de TEA, há a necessidade de aperfeiçoamento para novas demandas inclusivas que a educação apresenta ou venha

a apresentar, para possibilitar a aprendizagem e pensar em estratégias e construir alternativas para os avanços pedagógicos.

Para Orrú (2003), o professor que trabalha junto ao seu aluno autista, na perspectiva do desenvolvimento da linguagem pode trabalhar com a mediação para reconstituição para melhorar a vivência emocional do seu aluno, com relações afetivas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desta feita é necessário que o professor transforme seu desenvolvimento de linguagem de forma diferenciada.

Assim a formação do professor é de suma importância para que a política de inclusão entre nas escolas de forma a proporcionar condições de igualdade entre todos os alunos. Para melhor compreender o que foi discutido até aqui sobre o papel do professor frente a inclusão de alunos autistas, fez-se uma análise dos dados coletados, através da entrevista com uma professora do ensino fundamental na cidade de Ubá- MG, para saber sobre sua experiência e seu ponto de vista sobre o assunto. A temática abordou análises e discussões dos resultados já obtidos.

Na concepção da entrevistada: “Cada aluno tem especificações diferentes, o TEA não é algo que caracteriza uma criança. Então encontramos e temos que trabalhar de diferentes modos com diferentes alunos. Ressalto que presencio o quão importante é

A professora entrevistada diz-se o seguinte: “Essa adaptação é feita dentro das possibilidades, para que este aluno se sinta bem, considerando as limitações da escola. O que é uma realidade no nosso país hoje. Falta muito material e suporte para que alcance o que é de fato proposto na lei.”

Através do que a entrevistada diz “O maior desafio de um professor é a falta de suporte. Há uma diferença muito grande entre o que está na lei e o que de fato acontece dentro de uma escola. Falta material, falta formação continuada e muitas vezes um professor de apoio que realmente esteja preparado para lidar com o aluno.” Entende-se que há um desafio e falta de apoio aos professores para que possam receber o aluno autista em sala de aula.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os cursos de qualificação de professores para atuarem com alunos com Transtorno do Espectro Autista são essenciais para compreender o processo de inclusão escolar. Faz-se necessário uma formação pedagógica de excelência, que quebre as barreiras do preconceito e atendam às necessidades e possibilidades de um aluno com TEA, desmistificando que todos são iguais e apresentam as mesmas características e necessidades, uma vez que não existem técnicas únicas ou métodos padronizados para um transtorno tão variável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei n. 9394/96. 5. ed.** Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis/RJ. 1993.

ORRÚ, S. E. **Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas.** Revista Iberoamericana de Educação, Araraquara, v. 3, n.45. 25 fev. 2008. Disponível em: <https://rioei.org/historico/deloslectores/1972Ester.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020

REVISTA ESPAÇO ABERTO USP. **Um retrato do autismo no Brasil.** Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>. Acesso em: 21 mar. 2020.